

jules verne



as
aventuras
da

família raton





jules
verne



as
aventuras
da



família
raton



jules
verne



as
aventuras
da



família
raton



as
aventuras
da
família
raton



jules verne



as
aventuras
da
família
raton

tradução Julia da Rosa Simões

ilustrações Catarina Bessell





1

Era uma vez uma família de ratos formada pelo pai Ratônio, pela mãe Ratânia, pela filha Ratine e pelo primo Ratão. Seus empregados eram o cozinheiro Ratorello e a criada Ratolina. Esses admiráveis roedores viveram aventuras tão extraordinárias, queridos leitores, que não posso deixar de contá-las a vocês.

Tudo aconteceu no tempo das fadas e dos feiticeiros – época em que os animais ainda falavam. Imagino que seja desse período que venha a expressão “dizer besteiras”. No entanto, as bestas não diziam mais besteiras do que os homens sempre disseram e ainda dizem! Então prestem atenção, pois a história já vai começar.

2

Numa das cidades mais bonitas daquele tempo, e na casa mais linda da cidade, morava uma fada boa, que se chamava Genirosa. Ela era tão boa quanto uma fada podia ser, e também muito amada. Dizem que naquela época todos os seres vivos estavam submetidos às leis da metempsicose. Não se assustem com essa palavra: significa que havia uma escala hierárquica na Criação e que cada ser vivo subia seus níveis sucessivamente, até chegar ao último, a forma humana. Portanto, um ser nascia molusco, tornava-se peixe, depois ave, quadrúpede e, por fim, homem ou mulher. Como vocês podem ver, era preciso ir do estado mais rudimentar ao mais perfeito. Às vezes, porém, era possível cair de nível, devido à influência maligna de algum feiticeiro. Quando isso acontecia, que infelicidade! Imaginem voltar à condição de ostra, depois de ter sido homem! Felizmente, não vemos mais essas coisas acontecerem hoje em dia – fisicamente, ao menos.

Vocês precisam saber que essas várias metamorfoses aconteciam por intermédio de feiticeiros. Os feiticeiros bons ajudavam a subir, os maus faziam descer e, quando estes últimos abusavam de seu poder, o Criador podia privá-los dele por algum tempo.

Desnecessário dizer que a fada Genirosa era uma feiticeira boa e que ninguém nunca se queixou dela.

Certa manhã, ela estava na sala de jantar de seu palácio – uma sala com tapeçarias magníficas e flores exuberantes. Os raios de sol passavam pela janela, tocando com seus dedos luminosos as porcelanas e a prataria da mesa posta. A dama de companhia havia acabado de anunciar que o almoço estava servido – um almoço espetacular, que as fadas tinham o direito de fazer sem serem chamadas de gulosas. Mas assim que a fada se sentou, alguém bateu à porta do palácio.



A dama de companhia foi abrir e, um momento depois, avisou à fada Genirosa que um bonito rapaz desejava falar com ela.

— Mande o bonito rapaz entrar — disse Genirosa.

O rapaz era mesmo bonito, mais alto do que a média, o ar bondoso e destemido, e 22 anos de idade. Em resumo, tinha uma bela aparência. A primeira impressão da fada foi positiva. Ela pensou que, como tantos outros, o jovem estaria em busca de algo e se sentiu disposta a ajudar.

— O que quer de mim, bonito rapaz? — ela perguntou com sua voz mais doce.

— Boa fada — ele respondeu —, caí em desgraça, e a senhora é minha única esperança.

Como ele hesitasse em falar, Genirosa o incentivou:

— Explique-se. Como se chama?

— Meu nome é Rataniel — ele respondeu. — Não sou rico, mas não desejo fortuna. Vim em busca de felicidade.

— Então acredita que uma pode vir sem a outra? — replicou a fada, sorrindo.

— Sim.

— E tem razão. Prossiga, meu jovem.

— Há algum tempo — ele continuou —, antes de ser homem, eu era um rato e, como tal, fui muito bem acolhido por uma excelente família à qual eu contava me ligar pelo mais doce dos laços. O pai, um rato muito sensato, gostava de mim. Talvez a mãe não me visse com bons olhos, porque não sou rico. Mas a filha deles, Ratine, me olhava com tanto carinho...! Enfim, eu provavelmente seria aceito na família, mas um grande infortúnio veio acabar com todas as minhas esperanças.

— O que aconteceu? — perguntou a fada, muito interessada.

— Em primeiro lugar, tornei-me homem, enquanto Ratine continuou rata.

— Então — respondeu Genirosa —, você só precisa esperar que a próxima transformação faça dela uma bela jovem.

— Sem dúvida, boa fada! Mas, infelizmente, Ratine era cobiçada por um poderoso senhor. Acostumado a ter todos os seus desejos satisfeitos, nada o deteve. Ele fez de tudo para saciar suas vontades.

— E que senhor era esse? — perguntou a fada.

— O príncipe Kissiacha. Ele convidou minha querida Ratine para viver em seu palácio, onde ela seria a mais feliz das ratas. Ela não aceitou, embora sua mãe, a senhora Ratânia, tenha ficado muito lisonjeada com o convite. O príncipe tentou então comprá-la por um valor muito alto; o pai, no entanto, o senhor Ratônio, sabendo o quanto sua filha me amava, e sentindo que eu

morreria de tristeza se fôssemos separados, não quis nem ouvir sua proposta. Nem preciso dizer o quanto o príncipe Kissiacha ficou furioso. Vendo que Ratine era uma rata tão bonita, ele pensava que ela seria ainda mais bonita quando se tornasse mulher. Sim, boa fada, mais bonita ainda! E que casaria com ela! O que era bem razoável de sua parte, mas muito ruim para nós!



— Sim — respondeu a fada —, mas se o príncipe foi recusado, o que vocês tinham a temer?

— Tudo — continuou Rataniel —, pois para chegar a seus fins ele procurou Guardafogo...

— O feiticeiro? — exclamou Genirosa. — O bruxo que só sabe fazer o mal e que estou sempre combatendo?

— Ele mesmo, boa fada!

— O mesmo Guardafogo que está sempre utilizando seu poder para fazer as criaturas que se elevam aos níveis mais altos caírem o mais baixo possível?

— O próprio!

— Felizmente, Guardafogo acabou de ser privado de seu poder por algum tempo, pois andou abusando dele.

— É verdade — disse Rataniel —, mas quando o príncipe o procurou, ele ainda era poderoso. Seduzido pelas promessas de Kissiacha, tanto quanto assustado por suas ameaças, prometeu vingá-lo do menosprezo da família Raton.

— E... ele conseguiu?

— Conseguiu, boa fada!

— Como?

— Ele metamorfoseou os valorosos ratos! Transformou-os em ostras. E agora eles estão vegetando no viveiro de Tanaborda, onde esses moluscos – de excelente qualidade, devo dizer – valem cem reais a dúzia, o que é muito natural, pois a família Raton está entre eles! Entendeu, boa fada, o tamanho de minha desgraça?

Genirosa ouvia com compaixão e ternura o relato do jovem Rataniel. Ela de bom grado se apiedava dos sofrimentos humanos, principalmente dos amores impossíveis.

— O que posso fazer por você? — ela perguntou.

— Boa fada — respondeu Rataniel —, já que minha Ratine está presa no viveiro de Tanaborda, quero ser transformado em ostra, para ao menos ter o consolo de viver a seu lado!

Ele falou com tanta tristeza que a fada Genirosa ficou comovida. Pegando a mão do rapaz, disse-lhe:

— Rataniel, eu faria isso, se pudesse. Mas não posso rebaixar as criaturas na escala hierárquica dos seres vivos. No entanto, embora não possa reduzi-lo à condição de molusco, de fato muito modesta, posso elevar Ratine.

— Oh, boa fada! Sim, faça isso!

— Mas ela precisará passar pelos graus intermediários antes de voltar à forma da rata encantadora destinada a ser uma linda jovem. Portanto, seja

paciente! Aceite as leis da Natureza. E tenha confiança...

— Em você, boa fada?

— Sim, em mim! Farei tudo o que estiver ao meu alcance. Não esqueça, porém, que enfrentaremos uma oposição violenta. O príncipe Kissiacha, apesar de ser o mais tolo dos príncipes, é um inimigo poderoso. E se Guardafogo recuperar seus poderes antes de você se tornar o marido da bela Ratine, será difícil vencê-lo, pois ele terá voltado a ser meu igual.

A fada Genirosa e Rataniel estavam nesse ponto de sua conversa quando uma pequena voz se fez ouvir. De onde saía aquela vozinha? Era difícil localizá-la.

A voz dizia:

— Rataniel! Meu pobre Rataniel, eu te amo!

— É a voz de Ratine — exclamou o rapaz. — Ah, dona fada, tenha piedade dela!

Rataniel parecia ter enlouquecido. Corria pela sala, olhava embaixo dos móveis, abria gavetas, pensava que Ratine podia estar escondida em algum lugar, mas não conseguia encontrá-la!

A fada deteve-o com um gesto.

Então, queridos leitores, uma coisa muito estranha aconteceu. Havia em cima da mesa, dentro de uma travessa de prata, meia dúzia de ostras que vinham justamente do viveiro de Tanaborda. Bem no centro da travessa estava a ostra mais bonita, que tinha uma concha brilhante, bem desenhada. E não é que ela cresceu, inchou, se desenvolveu e se abriu? Das dobras de sua carne se desprende uma figura adorável, com cabelos loiros como o trigo, os dois olhos mais doces do mundo, um pequeno nariz bem reto e uma boca encantadora que repetia:

— Rataniel! Meu querido Rataniel!

— É ela! — exclamou o jovem.

Era Ratine, de fato, ele a havia reconhecido. Pois vocês precisam saber, queridos leitores, que naquela época de magia, os seres vivos tinham rostos humanos, mesmo antes de terem chegado à forma de gente.

E como Ratine era bonita sob a madrepérola de sua concha! Parecia uma joia dentro de seu estojo.

E ela disse:

— Rataniel, meu querido Rataniel, ouvi tudo o que você acabou de dizer à boa fada, e a boa fada prometeu reparar o mal que o malvado Guardafogo nos causou. Oh, não me abandonem, pois ele me transformou

em ostra para que eu não possa fugir! O príncipe Kissiacha quer me tirar do viveiro onde moro com minha família e me levar para seu tanque particular à espera de que eu me torne uma mulher, quando perderei para sempre meu pobre e querido Rataniël!

Ela falou com tanta tristeza que o rapaz, profundamente comovido, mal conseguiu responder.

— Oh, minha Ratine! — ele murmurou.

Num impulso de ternura, ele estendeu a mão na direção do pequeno molusco, mas a fada o deteve. Depois de retirar delicadamente uma pérola magnífica que se formara no fundo da concha, ela disse:

— Fique com essa pérola.

— Essa pérola, boa fada?

— Sim, ela vale uma fortuna e poderá ser útil mais tarde. Agora vamos levar Ratine de volta ao viveiro de Tanaborda, onde farei com que suba um nível.

— Sozinha não, boa fada — pediu Ratine, com voz suplicante. — Não se esqueça de meu bom pai Ratônio, de minha boa mãe Ratânia, de meu primo Ratão! E de nossos fiéis empregados Ratorello e Ratolina!

Enquanto falava, as duas partes de sua concha começaram a fechar e voltaram ao tamanho original.

— Ratine! — exclamou o jovem rapaz.

— Pegue-a! — disse a fada.

Depois de pegá-la, Rataniël pressionou a concha contra os lábios. Dentro dela não estava tudo o que ele tinha de mais precioso no mundo?

3

A maré estava baixa. As ondas batiam calmamente no banco de areia do viveiro de Tanaborda. Pequenas piscinas se formavam entre as pedras. O granito brilhava como ébano encerado. O chão estava coberto de algas viscosas cheias de bolinhas que estouravam ao serem pisadas, lançando pequenos jatos. Era preciso tomar cuidado para não escorregar, pois a queda seria dolorosa.

Havia uma grande quantidade de moluscos nesse viveiro: caramujos do tamanho de laranjas, mexilhões, mariscos e, acima de tudo, ostras, milhares de ostras!

Meia dúzia das mais bonitas se escondia sob as plantas marinhas. Ou melhor: eram apenas cinco. O lugar da sexta estava vazio!

Essas ostras começaram a se abrir sob os raios do sol, a fim de respirar a brisa fresca do mar. Ao mesmo tempo, ouvia-se uma espécie de canto, triste como uma ladainha da semana santa.

As conchas dos moluscos se afastaram lentamente. Entre suas franjas transparentes se desenharam algumas figuras fáceis de reconhecer. A primeira era de Ratônio, o pai, um filósofo, um sábio, que sabia aceitar a vida sob todas as suas formas.

“Sem dúvida”, pensava ele, “depois de ter sido rato, voltar a ser molusco é um tanto desagradável. Mas é preciso se conformar e aceitar as coisas como elas são!”

Na segunda ostra, um rosto contraído esboçava uma careta e os olhos lançavam faíscas. Ela em vão tentava sair de sua concha. Era a senhora Ratânia, que dizia para si mesma:

— Estar presa neste cárcere calcário depois de ocupar a posição mais elevada na cidade de Ratópolis! Logo eu, que, chegando à fase humana, teria sido uma grande dama, quem sabe uma princesa...! Ah, miserável Guardafogo!

Na terceira ostra, via-se o rosto aparvalhado do primo Ratão, um tanto atrapalhado e medroso, que ficava de orelhas em pé ao menor ruído, como uma lebre. É preciso dizer, obviamente, que na qualidade de primo ele

cortejava a prima. Mas Ratine, como sabemos, amava outro, e Ratão o invejava cordialmente.

“Ah, ah!”, ele pensava. “Triste destino! Quando eu era rato, ao menos podia correr, fugir, evitar os gatos e as ratoeiras. Aqui, basta ser colhido junto com uma dúzia de meus semelhantes e aberto brutalmente por uma faca para acabar na mesa de alguém e ser engolido... ainda vivo, provavelmente!”

Na quarta ostra, estava o cozinheiro Ratorello, um *chef* muito orgulhoso de seus talentos e muito ciente de seus saberes.

— Maldito Guardafogo! — ele bradava. — Se algum dia eu o agarrar com uma mão, torcerei seu pescoço com a outra. Eu, o grande Ratorello, que sempre fui precedido por minha fama, acabei preso entre duas conchas! E minha esposa Ratolina...

— Estou aqui — disse uma voz saindo da quinta ostra. — Não fique triste, meu pobre Ratorello! Embora não possa me aproximar de você, estou ao seu lado, e voltaremos a subir todos os níveis juntos!



Meiga Ratolina! Rechonchuda, simples, modesta, apaixonada pelo marido e, como ele, muito dedicada aos patrões.

A triste ladainha crescia, cada vez mais lúgubre. Algumas centenas de desafortunadas ostras, à espera da libertação, se uniram ao concerto de

lamentações. Era de cortar o coração. E a tristeza seria ainda maior se o pai Ratônio e a mãe Ratânia descobrissem que a filha não estava mais com eles!

De repente, todos se calaram. As conchas se fecharam.

Guardafogo chegava ao viveiro, com seu grande manto de feiticeiro, o tradicional chapéu, o rosto cruel. A seu lado vinha o príncipe Kissiacha, com roupas luxuosas. É difícil acreditar a que ponto o príncipe era vaidoso, e como se portava de maneira ridícula para chamar a atenção dos outros.

— Onde estamos? — ele perguntou.

— No viveiro de Tanaborda, meu príncipe — respondeu polidamente Guardafogo.

— E a família Raton?

— No mesmo lugar em que a incrustei, para vossa satisfação!

— Ah, Guardafogo! — continuou o príncipe, enrolando o bigode. — A pequena Ratine! Estou enfeitiçado! Ela precisa ser minha! Estou pagando por seus serviços: se não for bem-sucedido, cuidado!

— Príncipe — disse Guardafogo —, embora eu tenha conseguido transformar toda essa família de ratos em moluscos antes de perder o meu poder, eu não poderia transformá-los em seres humanos, o senhor sabe disso!

— Sim, Guardafogo, e isso me deixa furioso!

Os dois pisaram no banco de areia no exato momento em que duas pessoas surgiam na extremidade oposta. Eram a fada Genirosa e o jovem Rataniel. Este apertava contra o coração a concha dupla que guardava sua bem-amada.

De repente, eles viram o príncipe e o feiticeiro.

— Guardafogo — indagou a fada —, o que veio fazer aqui? Tramando mais um plano criminoso?

— Fada Genirosa — disse o príncipe Kissiacha —, você sabe que estou apaixonado pela linda Ratine, que foi insensata a ponto de repelir um senhor como eu e agora espera impacientemente a hora em que você a transformará em jovem mulher.

— Quando eu a transformar em jovem mulher — contrapôs Genirosa —, será para que ela escolha o homem de sua preferência.

— Esse impertinente — emendou o príncipe —, esse Rataniel, que Guardafogo não terá dificuldade de transformar em jumento assim que eu puxar suas orelhas?

Ouvindo o insulto, o rapaz deu um salto. Estava prestes a se atirar sobre o príncipe e devolver-lhe a insolência, mas a fada puxou-o pela mão.

— Acalme-se — ela pediu. — Não é chegado o momento do confronto, os insultos do príncipe se voltarão contra ele. Faça o que precisa fazer e vamos embora.

Rataniel obedeceu e, depois de apertar a ostra uma última vez contra os lábios, depositou-a ao lado de sua família.

A maré começou a subir na mesma hora, cobrindo o viveiro de Tanaborda, a água invadiu todo o banco de areia e tudo se fundiu ao horizonte, cujos contornos se confundiam com o do céu.

4

Algumas rochas, porém, permaneceram na superfície. A maré não cobria seu topo, nem quando as tempestades empurravam as ondas até a praia.

Foi ali que o príncipe e o feiticeiro se refugiaram. Quando o viveiro estivesse novamente exposto, eles procurariam a preciosa ostra que guardava Ratine e a levariam consigo. O príncipe estava furioso. Por mais poderosos que fossem os príncipes, ou mesmo os reis, eles não podiam fazer nada contra as fadas, naquele tempo, e isso continuará acontecendo se um dia voltarmos a essa feliz época.

Genirosa disse então ao belo rapaz:

— Agora que a maré subiu, Ratônio e sua família subirão um nível rumo à humanidade. Vou transformá-los em peixes e, com essa forma, eles nada terão a temer de seus inimigos.

— Nem se forem pescados? — quis saber Rataniel.

— Fique tranquilo, estarei de olho neles.

Infelizmente, Guardafogo ouviu as palavras da fada e bolou um plano. Seguido do príncipe, voltou para terra firme.

A fada, enquanto isso, girou a varinha e apontou para o viveiro de Tanaborda, oculto sob as águas. As ostras da família Raton se abriram. Delas saíram peixes irrequietos, felizes com a nova transformação.

Ratônio, o pai, tornou-se um valente e digno rodovalho com tubérculos escuros que, se não tivesse um rosto humano, teria dois grandes olhos de um só lado do corpo.



A senhora Ratânia, uma peixe-aranha com opérculo e espinhos afiados, muito bonita, aliás, com suas escamas furta-cor.

A senhorita Ratine, uma bela e elegante dourada, quase diáfana, muito atraente em seus tons de preto, vermelho e azul.

Ratorello, um feroz robalo, de corpo alongado, boca aberta até os olhos, dentes afiados, ar furioso como um tubarão em miniatura, e de surpreendente voracidade.

Ratolina, uma grande truta-salmonada, cheia de pintas, avermelhada, com duas meias-luas desenhadas sobre o fundo prateado das escamas, que causaria efeito na mesa de um gourmet.

E o primo Ratão, um badejo de dorso cinza-esverdeado. No entanto, por uma excentricidade da Natureza, não é que ele se tornara apenas metade peixe! Sim, a extremidade de seu corpo, em vez de terminar num rabo, ainda estava presa entre duas conchas de ostra. Não é o cúmulo do ridículo? Pobre primo!

Assim, badejo, truta, robalo, dourada, peixe-aranha e rodvalho, nadando sob as águas cristalinas, ao pé do rochedo onde Genirosa agitava sua varinha, pareciam dizer:

“Obrigado, boa fada, obrigado!”

5

Naquele momento, uma silhueta, vinda de alto-mar, começou a se desenhar com mais nitidez. Era um barquinho de grande mastro avermelhado e com a vela ao vento. Ele chegava à baía, empurrado por uma brisa fresca. O príncipe e o feiticeiro estavam a bordo, e era a eles que a tripulação venderia todos os produtos de sua pesca.

A rede de arrasto foi lançada ao mar. A esse grande saco puxado pelo fundo arenoso ficavam presos centenas de tipos de peixes, moluscos e crustáceos: caranguejos, camarões, lagostas, linguados, arraías, solhas, barbudos, peixes-anjo, peixes-aranha, douradas, rodovalhos, robalos, salmonetes, ruivos, tainhas e muitos outros!

Um grande perigo ameaçava a família Raton, recém liberta de sua prisão calcária! Se por infelicidade a rede a pescasse, ela não poderia fazer nada! O rodovalho, a peixe-aranha, o robalo, a truta e o badejo, passando pelas mãos dos marinheiros, seriam atirados nos cestos dos vendedores de peixes, enviados para alguma grande capital, expostos, ainda palpitantes, sobre o mármore das peixarias, enquanto a dourada, levada pelo príncipe, estaria perdida para sempre de seu amado Rataniel!

Mas o tempo começou a mudar. O mar encrespou. O vento bateu. A chuva chegou. Com grandes rajadas, uma tempestade se formou.

O barco foi terrivelmente balançado pelas ondas. A rede não teve tempo de ser puxada para cima e se rompeu. Apesar dos esforços do timoneiro, a embarcação foi empurrada para a costa e se chocou contra os recifes. Não fosse pela dedicação dos pescadores, o príncipe Kissiacha e Guardafogo não teriam conseguido escapar do naufrágio.

A boa fada, queridos leitores, é que havia provocado a tempestade para salvar a família Raton. Ela continuava ali, acompanhada do bonito rapaz, com sua maravilhosa varinha na mão.

Então Ratônio e os seus se agitaram sob as águas que se acalmavam. O rodovalho virava de um lado para o outro, a peixe-aranha nadava elegantemente, o robalo abria e fechava vigorosamente as mandíbulas, a truta fazia gracinhas e o badejo, incomodado com suas escamas, se movia desajeitado. A bela dourada, por sua vez, parecia à espera de que Rataniel se

atirasse na água para ir a seu encontro! Sim! Ele bem que gostaria de ter feito isso, mas a fada o deteve.

— Não — disse ela —, não antes de Ratine voltar à forma que tanto o encantou!

6

A cidade de Ratópolis era uma cidade muito bonita. Estava localizada num reino cujo nome esqueci, que não ficava na América, na Europa, na Ásia, na África e nem na Oceania, mas que existia em algum outro lugar.

Seja como for, a paisagem em torno de Ratópolis lembrava muito uma paisagem holandesa. Fresca, verde, limpa, com córregos transparentes, caramanchões sombreados, campos vistosos onde pastavam os mais pacatos rebanhos do mundo.

Como todas as cidades, Ratópolis tinha ruas, praças, avenidas; mas essas avenidas, praças e ruas eram margeadas por queijos magníficos, usados como casas: parmesãos, provolones, cheddars, suíços e muitos outros. Eles eram escavados por dentro para a criação de andares, apartamentos, quartos. Nessa cidade vivia, em república, uma numerosa população de ratos, sensata, modesta e previdente.

Era por volta de sete horas de um fim de domingo. Ratos e ratas passeavam em família para aproveitar o ar fresco da noite. Depois de terem trabalhado bastante a semana toda para repor as provisões de suas casas, eles descansavam no sétimo dia.

Ora, o príncipe Kissiacha estava em Ratópolis, acompanhado do inseparável Guardafogo. Tendo sido informados de que os membros da família Raton tinham voltado à antiga forma, depois de terem sido peixes por algum tempo, os dois preparavam planos secretos para capturar a família.

— Quando penso — repetia o príncipe — que aquela maldita fada os transformou de novo!

— Ora, melhor assim! — dizia Guardafogo. — Agora será mais fácil capturá-los. Peixes fogem com muita facilidade. Agora que voltaram a ser ratos e ratas, nós os pegaremos e, uma vez em vosso poder, a bela ratinha acabará se apaixonando pelo senhor — acrescentou o feiticeiro.

Satisfeito, o príncipe pretensioso se pavoneava, piscando para as ratas bonitas que passeavam por ali.

— Guardafogo, está tudo pronto? — ele perguntou.

— Tudo, meu príncipe, Ratine não escapará da armadilha que preparei para ela.

E Guardafogo apontou para um lindo caramanchão, no canto de uma praça.

— Esse caramanchão esconde uma surpresa — ele disse. — Prometo que a donzela estará hoje mesmo no palácio de vossa senhoria, onde não poderá resistir às graças de vosso espírito e aos encantos de vossa pessoa.

E não é que o bobalhão acreditou nas exageradas bajulações do feiticeiro!

— Ali está ela — disse Guardafogo. — Venha, meu príncipe, ela não pode nos ver.

Os dois seguiram até a próxima rua.

Era Ratine, de fato, que ia acompanhada por Rataniel até sua casa. Como ela era bonita, com seu rosto de moça e seu gracioso corpo de rata! E o jovem lhe dizia:

— Ah, querida Ratine, é uma pena que você ainda não tenha se tornado uma jovem! Se, para desposá-la imediatamente, eu pudesse voltar à forma de rato, não hesitaria. Mas isso não é possível.

— Então, meu querido Rataniel, devemos esperar.

— Esperar! Sempre esperar!

— Não faz mal, pois você sabe que eu o amo e que sempre serei sua. Além disso, a boa fada nos protege e não temos mais nada a temer do malvado Guardafogo e do príncipe Kissiacha.

— Aquele arrogante — exclamou Rataniel —, um dia vou dar a ele uma boa lição.

— Não, meu Rataniel, nem pense em provocá-lo! Ele tem guardas para protegê-lo. Tenha paciência, porque é preciso, e confiança, porque eu te amo!

Enquanto Ratine dizia essas coisas com todo coração, o jovem a apertava de encontro ao peito e beijava suas patinhas.

Como ela se sentia um pouco cansada da caminhada, disse:

— Rataniel, ali está o caramanchão sob o qual costumo descansar. Vá para casa e avise meu pai e minha mãe que os esperarei aqui para irmos juntos à festa.

E Ratine foi para baixo do caramanchão. De repente, ouviu-se um ruído seco, como o estalar de uma mola sendo acionada.

A folhagem ocultava uma pérfida armadilha. Ratine, que não desconfiava de nada, acabara de tocar seu mecanismo. Subitamente, uma jaula caiu do caramanchão e ela ficou presa!

Rataniel soltou um grito de cólera, seguido pelo grito de desespero de Ratine e pelo grito de triunfo de Guardafogo, que chegava correndo ao lado do príncipe Kissiacha.

O rapaz em vão se agarrou à jaula para romper as grades e em vão tentou se atirar sobre o príncipe.

A melhor coisa a fazer era buscar socorro para libertar a pobre Ratine, e foi o que Rataniel fez, correndo pela grande avenida de Ratópolis.

Enquanto isso, Ratine foi retirada da jaula e o príncipe Kissiacha lhe disse com toda cortesia do mundo:

— Agora você é minha, pequena, e não me escapará mais!

Uma das casas mais elegantes de Ratópolis – um magnífico queijo suíço — era o lar da família Raton. A sala de estar, a sala de jantar, os quartos e todos os aposentos eram decorados com bom gosto e conforto. Pois Ratônio e os seus estavam entre os mais distintos da cidade e gozavam da estima de todos.

Esse retorno à antiga posição não havia inflado o coração do digno filósofo. Ele não deixara de ser o que sempre fora, modesto em suas ambições, um verdadeiro sábio que La Fontaine poderia colocar como presidente de seu Conselho dos Ratos. Todos sempre se deram bem ao seguir seus conselhos. A única novidade é que ele agora se tornara reumático e caminhava com uma muleta (quando o reumatismo não o mantinha preso a uma poltrona). Ele atribuía a doença à umidade do viveiro de Tanaborda, onde vegetara por vários meses. Embora aquelas águas fossem consideradas de ótima qualidade, ele havia voltado mais reumático do que antes. Isso lhe era ainda mais prejudicial porque, fenômeno estranhíssimo, o reumatismo o tornava impossibilitado de qualquer nova metamorfose. De fato, a metempsicose não podia ocorrer em indivíduos que sofriam dessa doença de ricos. Ratônio continuaria rato, portanto, enquanto sofresse de reumatismo.

Ratânia, por sua vez, não era nenhuma filósofa. Imaginem sua situação: quando fosse promovida à condição de dama, ou melhor, de grande dama, ela teria como marido um simples rato – e ainda por cima um rato reumático! Ela morreria de vergonha! Assim, estava mais rabugenta, mais irritável do que nunca, insultando o marido, maltratando os criados, tornando a vida de toda a casa insuportável.

— O senhor precisa se curar — ela dizia —, e isso é uma ordem!

— Eu adoraria obedecer, querida — respondia Ratônio —, mas temo que isso não esteja ao meu alcance e que eu precise me resignar a continuar sendo um rato.

— Rato! Eu, a mulher de um rato? O que os outros vão dizer? E nossa filha ainda por cima apaixonada por um pé-rapado! Que vergonha! Imagine! Quando eu me tornar princesa, Ratine será princesa também.

— E eu serei príncipe — completou Ratônio, não sem um toque de ironia.

— O senhor, príncipe? Com um rabo e quatro patas? Mas que belo príncipe!

Era assim que a senhora Ratânia se lamentava o dia inteiro. Na maioria das vezes, ela descontava o mau humor em cima do primo Ratão. É verdade que o pobre primo continuava todo atrapalhado. Mais uma vez, sua metamorfose não havia sido completa.

Ele era um rato pela metade – rato na frente, mas peixe atrás, com um rabo de badejo, o que o tornava absolutamente engraçado. Desse jeito, como conquistar a bela Ratine, ou mesmo as outras lindas ratas de Ratópolis?

— O que foi que eu fiz para a Natureza me tratar assim — ele se queixava —, o que foi que eu fiz?

— Esconda esse rabo ridículo! — dizia a senhora Ratânia.



— Não posso, tia!

— Então corte fora, corte fora!

O cozinheiro Ratorello se ofereceu para realizar a operação e depois preparar aquele rabo de robalo com muito requinte. Que delícia seria num dia de festa como aquele!

Dia de festa em Ratópolis? Sim, queridos leitores! A família Raton se preparava para participar dos festejos públicos. Estava apenas à espera do retorno de Ratine para sair.

Naquele momento, uma carruagem parou à frente da casa. Era a fada Genirosa, num vestido de brocado e ouro, que vinha visitar seus protegidos. Embora ela às vezes risse das tolas ambições de Ratânia, das ridículas presunções de Ratorello, das bobagens de Ratolina, dos lamentos do primo Ratão, ela levava muito a sério o bom senso de Ratônio, adorava a encantadora Ratine e fazia de tudo para o sucesso de seu casamento. Em sua presença, a senhora Ratânia não ousava criticar o bonito rapaz que não era príncipe.

A fada foi recebida, sem que lhe poupassem agradecimentos por tudo o que já havia feito e ainda faria.

— Precisamos muito da senhora, boa fada! — disse Ratânia. — Quando me tornarei uma dama?

— Paciência, paciência — respondeu Genirosa. — Precisamos deixar a Natureza agir, e isso leva algum tempo.

— Mas por que a Natureza quer que eu tenha um rabo de robalo, se voltei a ser rato? — exclamou o primo, com um soluço de dar dó. — Dona fada, poderia me ajudar?

— Infelizmente, não! — respondeu Genirosa. — Você é mesmo muito azarado. Deve ser por causa do nome Ratão. Espero que não fique com um rabo de rato ao se tornar um pássaro!

— Oh! — gemeu Ratânia. — Como eu gostaria de ser uma rainha alada!

— E eu, uma enorme perua trufada! — disse ingenuamente a boa Ratolina.

— E eu, o rei do galinheiro! — acrescentou Ratorello.

— Vocês serão o que vocês serão — sentenciou o pai Ratônio. — De minha parte, sou rato e continuarei sendo rato, graças ao reumatismo. No fim das contas, melhor ser um rato do que ficar arrepiando as penas, como várias aves que conheço!

Naquele momento, a porta se abriu e o jovem Rataniel entrou, pálido e transtornado. Em poucas palavras, narrou a cena da armadilha e disse que Ratine caíra na cilada do pérfido Guardafogo.

— Ah, então é assim! — exclamou a fada. — O maldito feiticeiro ainda quer briga! Muito bem! Ele não perde por esperar!

8

Sim, queridos leitores, a cidade de Ratópolis inteira estava em festa – e vocês teriam se divertido muito se seus pais os tivessem levado até lá.

Querem saber por quê? Porque havia tendas feitas de tecidos translúcidos de mil cores, arcos de folhas acima das ruas pavimentadas, casas com tapeçarias pendendo das janelas, fogos de artifício cruzando os ares, música em cada esquina – e por favor acreditem, os ratos não passariam vergonha diante dos melhores corais do mundo. Eles cantavam com suas pequenas vozes suaves, muito suaves, feito flautas de encanto indescritível. E como interpretavam bem as obras de seus compositores: Rassiní, Ragner, Rassenet e tantos outros mestres!

Mas o que mais teria deixado vocês admirados seria o cortejo de todos os ratos do universo e de todos aqueles que, mesmo sem serem ratos, mereciam esse nome tão significativo.

Havia ratos avarentos, segurando sua preciosa moedinha; ratos carecas, velhos e ranzinzas, heróis de guerra sempre prontos a massacrar o gênero humano para ganhar mais uma medalha; ratos de tromba, com um verdadeiro rabo no nariz, como os vendidos em lojas de fantasias; ratos de igreja, humildes e modestos; ratos de porão, acostumados a enfiar o focinho onde não deviam; acima de tudo, quantidades inacreditáveis de ratos dançarinos, executando os passos e contrapassos de um balé de ópera!

Era em meio a essa grande quantidade de encantos que os membros da família Raton seguiam, conduzidos pela fada. Mas eles não enxergavam nada do deslumbrante espetáculo a seu redor. Só pensavam em Ratine, na pobre Ratine, raptada e privada do amor do pai e da mãe, bem como do amor do noivo!

Chegaram então à grande praça. A jaula continuava sob o caramanchão, marcando a ausência de Ratine.

— Devolvam-me minha filha! — gritava a senhora Ratânia, que só pensava em rever Ratine, fazendo os que a ouviam ficarem de coração partido.

A fada em vão tentava dissimular a raiva que sentia de Guardafogo. Percebia-se seu estado pelos lábios apertados e pelos olhos, que haviam

perdido toda a habitual bondade.

Um grande burburinho começou então a se fazer ouvir num dos extremos da praça. Era um cortejo de príncipes, duques e marqueses, em suma, de magníficos senhores em trajes luxuosos, precedidos por guardas armados da cabeça aos pés.

À frente do grupo principal destacava-se o príncipe Kissiacha, distribuindo sorrisos e saudações protetoras a todo o povo que o bajulava.

Entre os criados que o seguiam, via-se uma infeliz e bela rata. Era Ratine, tão vigiada e cercada que não teria como fugir. Seus doces olhos cheios de lágrimas diziam mais do que eu saberia narrar. Guardafogo, caminhando perto dela, não a perdia de vista. Ah, dessa vez ele tinha se superado!



“Ratine, minha filha!”, “Ratine, minha amada!”, gritaram Ratânia e Rataniel, que em vão tentaram alcançá-la.

Dignos de nota eram as gargalhadas do príncipe Kissiacha para a família Raton e o olhar provocador que Guardafogo lançava para a fada

Genirosa. Embora tivesse sido privado de seus poderes mágicos, ele havia vencido com uma simples arapuca. Enquanto isso, o cortejo de nobres cumprimentava o príncipe por sua conquista. Com que vaidade o tolo recebia aqueles elogios!

Subitamente, a fada estendeu o braço, agitou a varinha e deu início a uma nova metamorfose.

Embora o pai Ratônio tenha continuado na forma de rato, a senhora Ratânia se transformou em caturrita, Ratorello em pavão, Ratolina em pata e o primo Ratão em garça. Mas, sempre azarado, em vez de uma bela cauda de pássaro, um fino rabo de rato se agitava sob sua plumagem!

Ao mesmo tempo, uma pomba saiu voando do grupo dos senhores: era Ratine!

Imaginem o espanto do príncipe Kissiacha, a fúria de Guardafogo! E então todos, cortesãos e criados, saíram correndo atrás de Ratine, que desapareceu num bater de asas.

O cenário havia mudado. Os olhares não se dirigiam mais para a praça central de Ratópolis, mas para a paisagem admirável acima do tapete de árvores. De todos os cantos do céu surgiram milhares de pássaros, que vinham acolher seus novos irmãos alados.

Então a senhora Ratânia, orgulhosa de sua plumagem, feliz com seu cacarejo, se entregou às brincadeiras mais graciosas, enquanto a criada Ratolina, toda envergonhada, não sabia onde esconder seus pés de pata.

Ratorello, por sua vez – Don Ratorello, por favor —, empinava e abria a cauda, como se sempre tivesse sido um pavão, enquanto o pobre primo murmurava em voz baixa:

— Um dia ratão, para sempre ratão!

Mas eis que uma pomba cruzou os céus, arrulhando de alegria, descrevendo curvas elegantes, e veio pousar no ombro do jovem Rataniel.

Era a encantadora Ratine, que podia ser ouvida murmurando para o noivo, batendo as asas:

— Eu te amo, Rataniel, eu te amo!

9

Onde fomos parar, queridos leitores? De novo num país que não conheço e cujo nome não saberia dizer. Mas este outro país, com suas grandes paisagens cheias de árvores tropicais e templos que se elevavam um tanto bruscamente sob um céu muito azul, lembrava a Índia e seus habitantes, os hindus.

Entrem comigo num caravançar, uma espécie de imensa estalagem para caravanas, aberta a todos os viajantes. Ali estava reunida a família Raton, com todos os seus membros. Seguindo o conselho da fada Genirosa, tinham partido em viagem. O mais seguro, de fato, era sair de Ratópolis, para escapar das vinganças do príncipe enquanto eles não tivessem forças para se defender. Ratânia, Ratolina, Ratine, Ratorello e Ratão não passavam de simples aves. Quando se tornassem quadrúpedes, seria mais fácil vencer.

Sim, simples aves, dentre as quais Ratolina fora uma das menos favorecidas. Por isso passeava sozinha no pátio do caravançar.

— Ai de mim! Ai de mim! — gemia ela. — Depois de ter sido uma truta elegante e uma rata de não se jogar fora, agora sou uma pata, uma pata doméstica, uma dessas patas que qualquer cozinheiro pode rechear com farofa!

E ela suspirava ao pensar nisso, acrescentando:

— Espero que meu próprio marido não tenha pensado nisso. Como querer que um pavão, todo majestoso, tenha um pinga de consideração por uma pata-choca? Se eu ao menos fosse uma peru...! Mas não! Ratorello não me acha mais atraente!

Isso se revelou a mais pura verdade quando o vaidoso Ratorello entrou no pátio. Que belo pavão! Ele agitava a ágil e delicada crista, que exibia cores muito brilhantes, e eriçava a plumagem, que parecia bordada de flores e coberta de pedras preciosas. Ele abria em leque a cauda magnífica e os fios sedosos que cobriam suas penas. Como aquele pássaro admirável poderia se rebaixar ao mesmo nível de uma pata tão pouco atraente, de penugem cinzenta e manto amarronzado?

— Ratorello querido! — chamou ela.

— Quem ousa pronunciar meu nome? — replicou o pavão.

— Eu!

— Uma pata? Como assim uma pata?

— Ratolina, sua querida Ratolina!

— Ah, pfff! Que horror! Passar bem, com licença!

Realmente, a vaidade faz dizer bobagens.

E o orgulhoso pavão tinha um exemplo que vinha de cima. Por acaso a patroa Ratânia tinha mais bom senso? Por acaso não tratava o marido com o mesmo desdém?

E eis que ela fez sua entrada triunfal, acompanhada do marido, da filha, de Rataniel e do primo Ratão. Ratine se transformara numa pomba deslumbrante, com uma plumagem cinza-azulada, o dorso dourado, com cores cambiantes, o peito acobreado, e uma delicada mancha branca que a distinguia em cada asa.

Rataniel não tirava os olhos dela! E que gorgolejo melodioso ela fazia ao voejar em torno do belo rapaz!



O pai Ratônio, apoiado numa muleta, admirava a filha. Como a achava bonita! Mas o certo é que a senhora Ratânia estava ainda mais bonita.

Ah, como a Natureza fizera um bom trabalho ao transformá-la em caturrita! Ela tagarelava e tagarelava! Abria as asas a ponto de deixar o

próprio Don Ratorello com inveja. Se vocês a vissem, quando ela se colocava sob um raio de sol para fazer a penugem amarelada do pescoço brilhar, ou agitava as penas verdes e azuladas! Era, de fato, uma das espécies mais admiráveis de caturritas do Oriente.

— Então, satisfeita com seu destino, docinho? — perguntou-lhe Ratônio.

— Não vejo nenhum docinho aqui! — ela respondeu com secura. — Por favor, veja como fala e não se esqueça da distância que agora nos separa!

— Mas como? Sou seu marido!

— Um rato, marido de uma caturrita? Enlouqueceu, meu caro!

E a senhora Ratânia se empertigava, enquanto Ratorello se pavoneava a seu lado.

Ratônio esboçou um pequeno gesto de cumplicidade à criada, que a seus olhos continuava a mesma. Depois pensou: “Ah! Isso é o que acontece quando a vaidade sobe à cabeça! Ainda bem que tenho a filosofia!”.

Enquanto essa cena doméstica se desenrolava, em que se transformara o primo Ratão e seu rabo de outra espécie? Depois de ter sido rato com rabo de badejo, agora era uma garça com cauda de rato! Se as coisas continuassem desse jeito, à medida que ele se elevasse na escala dos seres vivos, seria um desastre!

Assim, ele se mantinha num canto do pátio, empoleirado numa só pata, como as garças pensativas, mostrando o ventre branco rajado de preto, a plumagem acinzentada, a crista melancolicamente deitada para trás.

Era hora de seguir viagem, a fim de admirar o país em toda sua beleza.

Mas a senhora Ratânia e Don Ratorello só admiravam a si mesmos. Nenhum dos dois prestava atenção naquelas paisagens excepcionais, preferiam cidades e aldeias onde pudessem exhibir seus encantos.

Enfim, todos discutiam a questão quando um novo personagem surgiu à porta do caravançarâ.

Era um guia turístico do país, vestido à moda hindu, que vinha oferecer seus préstimos aos viajantes.

— Meu amigo — perguntou-lhe Ratônio —, o que há de interessante para conhecer?

— Uma maravilha inigualável é a grande esfinge do deserto — respondeu o guia.

— Do deserto! — desdenhou a senhora Ratânia.

— Não viemos até aqui para visitar um deserto — acrescentou Don Ratorello.

— Ora — respondeu o guia —, mas o deserto hoje não estará deserto, pois é o dia da festa da esfinge e pessoas de todos os cantos do mundo virão adorá-la.

Era o que bastava para os dois pássaros vaidosos quererem visitá-la. Para Ratine e o noivo, pouco importava o lugar do passeio, desde que estivessem juntos.

Quanto ao primo Ratão e à criada Ratolina, era justamente no meio de um deserto que eles gostariam de se refugiar.

— Vamos! — disse a senhora Ratânia.

— Vamos — repetiu o guia.

Um minuto depois, todos estavam fora do caravançarâ, sem suspeitar de que o guia era na verdade o feiticeiro Guardafogo, irreconhecível naquele disfarce, que os levava para uma nova armadilha.

10

A esfinge era magnífica, infinitamente mais bonita do que as esfinges do Egito, que no entanto são tão famosas! Aquela era a Esfinge de Ruminador, considerada a oitava maravilha do mundo.

A família Raton acabava de chegar à orla de uma vasta planície cercada por densas florestas, atrás das quais se avistava uma cadeia de montanhas cobertas de neves eternas.

No meio dessa planície, imaginem um animal esculpido em mármore, deitado sobre a grama, o rosto sereno, as patas da frente cruzadas uma sobre a outra, o corpo alongado como uma colina. Media no mínimo 150 metros de comprimento e 30 metros de largura, e sua cabeça se elevava 25 metros acima do solo.

A esfinge tinha o mesmo ar indecifrável de suas irmãs. Ela nunca havia revelado o segredo que guardava havia milhares de séculos. No entanto, sua grande cabeça estava aberta a quem quisesse visitá-la. A entrada era feita por uma porta entre suas patas. Escadarias internas davam acesso aos olhos, orelhas, nariz, boca e à floresta de cabelos que eriçava seu crânio.

Para vocês terem uma ideia da enormidade desse monstro, fiquem sabendo que cabiam dez pessoas com folga em cada órbita de seus olhos, trinta na concha de suas orelhas, quarenta em suas narinas, sessenta dentro de sua boca, onde um baile poderia ser organizado, e uma centena em sua cabeleira, densa como uma floresta equatorial. Assim, as pessoas vinham de todas as partes do mundo, não para consultá-la, pois ela não queria responder a nenhuma pergunta, por medo de se enganar, mas para visitá-la, como à estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro.

Permita-me, queridos leitores, não mais insistir na descrição dessa maravilha que atestava a grandeza da genialidade humana. Nem as pirâmides do Egito, nem os jardins suspensos da Babilônia, nem o colosso de Rodes, nem o farol de Alexandria, nem a torre Eiffel se comparavam a ela.

Quando os geógrafos finalmente conseguirem determinar a localização do país em que se encontra a grande Esfinge de Ruminador, não deixem de visitá-la durante as férias. Guardafogo a conhecia, e era para lá que conduzia

a família Raton. Mentindo a respeito do número de pessoas que haveria no local, enganara vilmente a todos. O pavão e a caturrita ficariam especialmente contrariados! Pois nem queriam saber da magnífica esfinge.

Como vocês já devem ter imaginado, o feiticeiro e o príncipe Kissiacha tinham arquitetado um plano. O príncipe estava ali perto, na orla de uma floresta vizinha, acompanhado de uma centena de guardas. Assim que a família Raton entrasse na esfinge, seria presa lá dentro como numa ratoeira. Se cem homens não conseguissem capturar cinco aves, um rato e um jovem apaixonado, então estes deveriam estar sendo protegidos por alguma força sobrenatural.

O príncipe ia e vinha, à espera. Dava sinais de grande impaciência. Tinha sido vencido em suas maquinações contra a bela Ratine! Ah, como ele se vingaria daquela família quando Guardafogo recuperasse seus poderes! Mas o feiticeiro ainda continuaria sem magia por mais algumas semanas.

Dessa vez, todas as medidas tinham sido tomadas para que, finalmente, nem Ratine nem sua família escapassem da nova armadilha.

Guardafogo apareceu à frente da pequena caravana e o príncipe, cercado por seus guardas, preparou-se para intervir.

O pai Ratônio caminhava com passo firme, apesar do reumatismo. A pomba, descrevendo grandes círculos no céu, vinha de tempos em tempos pousar no ombro de Rataniel. A caturrita, voando em círculos, tentava avistar a prometida multidão. O pavão mantinha a cauda cuidadosamente fechada, para não machucá-la nos espinhos, e Ratolina gingava sobre suas largas patas. Atrás deles, a garça, com o bico para baixo, movia raivosamente o ar com seu rabo de rato. Ratão havia tentado enfiá-lo no bolso, ou melhor, embaixo da asa, mas não conseguira, porque era um rabo curto demais.

Os viajantes finalmente chegaram aos pés da esfinge. Nunca tinham visto nada mais lindo.



No entanto, a senhora Ratânia e Don Ratorello perguntaram ao guia:
— E o grande fluxo de pessoas que você tinha prometido?

— Assim que chegarem à cabeça do monstro — respondeu o feiticeiro —, vocês verão a multidão de cima e serão vistos a quilômetros de distância.

— Muito bem, vamos logo!

— Vamos.

Todos entraram dentro da esfinge, sem desconfiar de nada. Ninguém percebeu que o guia ficara do lado de fora e fechara a porta entre as patas do gigantesco animal.

Lá dentro, a penumbra era iluminada pelas aberturas da cabeça, ao longo de escadarias internas. Depois de alguns instantes, Ratônio foi visto passeando entre os lábios da esfinge, a senhora Ratânia batendo as asas nas narinas, toda exibida, Don Ratorello abrindo a cauda no topo da cabeça, eclipsando os raios do sol.

O jovem Rataniel e a jovem Ratine estavam na concha da orelha direita, onde cochichavam um para o outro palavras de afeto.

No olho direito estava Ratolina, cuja modesta plumagem nem se percebia; no olho esquerdo, o primo Ratão tentava esconder o lamentável rabo a todo custo.

Desses diversos pontos da face, a família Raton estava alegremente postada para contemplar a esplêndida paisagem que se abria até os limites do horizonte.

O tempo estava espetacular, não havia uma única nuvem no céu, nenhum vapor na superfície do solo.

De repente, uma massa em movimento se delineou na orla da floresta. Ela avançava, se aproximava. Seria a multidão de adoradores da Esfinge de Ruminador?

Não! Eram pessoas armadas com lanças, sabres, arcos e flechas, marchando em formação cerrada. Só podiam estar mal-intencionadas.

De fato, o príncipe Kissiacha vinha à frente, seguido pelo feiticeiro, que tirara o disfarce de guia. A família Raton sentiu-se perdida. A única chance, para os que tivessem asas, seria sair voando.

— Fuja, minha querida Ratine — exclamou seu noivo. — Fuja! Deixe-me enfrentar esses miseráveis!

— Abandonar você? Nunca! — respondeu Ratine.

Na verdade, seria uma imprudência. Uma flecha poderia acertar a pomba, e também a caturrita, o pavão, a pata e a garça.

Era melhor que todos se escondessem dentro da esfinge. Talvez conseguissem escapar quando a noite caísse, fugir por alguma abertura

secreta, sem temer os arqueiros do príncipe.

Ah! Era lamentável que a fada Genirosa não tivesse acompanhado seus protegidos naquela viagem!

No entanto, o bonito rapaz teve uma ideia, uma ideia muito simples como são todas as boas ideias: bloquear a porta de entrada, o mais rápido possível.

Já não era sem tempo, pois o príncipe Kissiacha, Guardafogo e os guardas, a poucos passos da esfinge, interpelavam os prisioneiros para convidá-los a se render.

Um “não!” bem forte, que saiu dos lábios do monstro, foi a única resposta que receberam.

Então os guardas se precipitaram na direção da porta e, como a golpeavam com enormes blocos de pedra, ficou evidente que ela não tardaria a ceder.

Mas eis que um leve vapor envolveu a cabeleira da esfinge e, livrando-se de suas espirais, a fada Genirosa apareceu em cima da cabeça da Esfinge de Ruminador.

Diante da milagrosa aparição, os guardas recuaram. Mas Guardafogo conseguiu levá-los a um novo ataque, e a madeira da porta começou a ceder sob os golpes.

Naquele momento, a fada apontou para baixo a varinha mágica, que tremeu em sua mão.

Um grupo inesperado irrompeu pela porta desmantelada!

Uma tigresa, um urso e uma pantera avançaram sobre os guardas. A tigresa era Ratânia, de pelagem alaranjada. O urso era Ratorello, todo eriçado, as garras arregaçadas. A pantera era Ratolina, que deu um salto assustador. A última metamorfose transformara as três aves em animais selvagens.

Enquanto isso, Ratine se transformara numa corça elegante, e o primo Ratão tomara a forma de um burro, que zurrava numa voz terrível. Mas – vejam que azar! – ele ficara a cauda de garça, ou seja, uma cauda de pássaro pendia no lugar de seu rabo! Decididamente, ninguém pode fugir do destino.

Ao ver as três feras assustadoras, os guardas não hesitaram um instante sequer; saíram correndo como se tivessem fogo nos pés. Nada poderia detê-los, principalmente depois do exemplo dado por Kissiacha e Guardafogo! Ao que parece, eles não queriam ser devorados vivos.

Embora o príncipe e o feiticeiro tenham conseguido alcançar a floresta, alguns dos guardas tiveram menos sorte. A tigresa, o urso e a pantera conseguiram alcançá-los. Os pobres coitados tiveram que voltar até a esfinge para abrigar-se em seu interior e logo foram vistos indo e vindo em sua grande boca.

Péssima ideia! Quando os guardas se deram conta, era tarde demais.

A fada Genirosa girava de novo a varinha e gritos terríveis ecoavam pelos ares como o estrondo de mil trovões.

A esfinge se transformara em um leão.

E que leão! Com a juba eriçada e os olhos em chamas, suas mandíbulas começaram a se movimentar. No mesmo instante, os guardas do príncipe Kissiacha foram cuspidos pelo incrível animal.

A fada Genirosa saltou suavemente até o chão. A seus pés vieram se deitar a tigresa, o urso e a pantera, como animais selvagens aos pés do domador que os mantém sob seu comando.

A partir daquele dia, a esfinge passou a ser chamada de Leão de Ruminador.

12

O tempo passou. A família Raton conquistou definitivamente a forma humana – menos o pai, que, sempre tão reumático quanto filósofo, continuou rato. Em seu lugar, outros teriam ficado arrasados, praguejado contra as injustiças do destino, amaldiçoado a vida. Ele se contentava em sorrir, feliz, como dizia, de não precisar mudar seus hábitos.

De todo modo, por mais que fosse um rato, era um senhor rico. E como sua mulher não aceitara viver no velho queijo de Ratópolis, ele ocupava um palácio suntuoso numa grande cidade, na capital de um país ainda desconhecido, sem no entanto sentir-se mais importante por causa disso. O orgulho, ou melhor, a vaidade, era coisa da senhora Ratânia, que se tornara duquesa. Vocês precisavam vê-la passeando por seus aposentos, contemplando-se em espelhos que acabaram ficando gastos de tanto uso!

Certo dia, o duque Ratônio escovava os pelos com grande cuidado e se arrumava, tão bem quanto se pode esperar de um rato. A duquesa, por sua vez, se embelezava com seus mais belos enfeites: vestido estampado, em que se misturavam veludos, crepes, sedas, pelúcias, cetins, brocados e tafetás; corpete ao estilo Henrique II; cauda bordada de âmbar negro, safiras e pérolas, com vários metros de comprimento, substituindo os vários rabos que ela tivera antes de se tornar mulher; diamantes que lançavam um brilho ofuscante; rendas mais finas e ricas do que a hábil Aracne¹ poderia bordar; chapéu Rembrandt, sobre o qual se via um buquê de flores; enfim, tudo que havia de mais na moda.

Mas vocês podem estar se perguntando: por que tanto luxo? Porque naquele dia seria realizada, na capela do palácio, a cerimônia de casamento da encantadora Ratine com o príncipe Rataniel.

Sim, ele se tornara príncipe, para agradar à sogra. Mas como fizera isso? Comprando um principado. Ora, mas os principados, embora estejam em baixa, devem custar caro! Sem dúvida. Por isso Rataniel reservou para essa aquisição uma parte do valor da pérola – vocês não podem ter esquecido da famosa pérola, encontrada na ostra de Ratine, que valia milhões!

Ele estava rico. Mas não pensem que a riqueza modificara seus gostos ou os de sua noiva, que se tornaria princesa ao desposá-lo. Não! Embora sua mãe fosse duquesa, ela continuava a jovem modesta que vocês bem conhecem, e o príncipe Rataniel estava mais apaixonado do que nunca. Ela estava tão bonita em seu vestido branco, segurando um buquê de flores de laranjeira!

Desnecessário dizer que a fada Genirosa fora assistir ao casamento, que de certo modo tinha sido obra sua.

Era um grande dia para toda a família, portanto. Don Ratorello estava elegantíssimo. Na qualidade de ex-cozinheiro, tornara-se político. Não havia roupa mais impecável que seu traje de gala, que deve ter custado caro, pois era reversível e também podia ser usado como traje de senador – o que era muito conveniente.

Ratolina não era mais uma pata, para seu grande alívio: era uma dama de companhia. Perdoara o esposo pela desdenhosa indiferença do passado. O coração dele pertencia somente a ela, e mostrava-se inclusive um tanto ciumento dos senhores que borboleteavam em torno da esposa.

O primo Ratão, por sua vez... já vai voltar à história e vocês poderão contemplá-lo à vontade!

Os convidados estavam reunidos no grande salão repleto de luzes, flores perfumadas e móveis requintados, decorado com tapeçarias que hoje nem existem mais. Tinham vindo dos arredores para assistir ao casamento do príncipe Rataniel. Os grandes senhores, as grandes damas, queriam prestar sua homenagem ao lindo casal.

Um mordomo anunciou que tudo estava pronto para a cerimônia. Formou-se então o cortejo mais maravilhoso que poderia haver, dirigindo-se para a capela, enquanto uma música melodiosa se fazia ouvir.

O desfile desses personagens importantes não levou menos de uma hora. Num dos últimos grupos estava o primo Ratão.

Tornara-se um belo rapaz, quem diria, que parecia saído de uma revista de moda: casaco curto, chapéu ornado com uma magnífica pluma que varria o chão a cada saudação.

O primo agora era marquês, fiquem sabendo, e não envergonhava a família. Tinha muito boa aparência, portava-se com graça. Portanto, não deixava de ouvir elogios, e os recebia não sem modéstia. Observava-se, no entanto, que sua fisionomia carregava certa tristeza, que sua atitude parecia levemente constrangida. Ele baixava os olhos e desviava o olhar daqueles

que se aproximavam. Por que tanta reserva? Não se tornara um homem, igual a qualquer duque ou príncipe da corte?

Ele seguia o cortejo, caminhando num passo ritmado, um passo de cerimônia. Mas ao chegar a um dos cantos do salão, ele se virou e... Que espanto!

Entre as abas do casaco percebia-se um rabo, um rabo de burro! Ele em vão tentava esconder aquele vergonhoso resquício da forma anterior! Mas dizia-se que ele nunca se livraria dele!

Então é isso, queridos leitores: quem nasceu para lagartixa nunca chega a jacaré. O primo se tornara um homem, chegara ao topo da escala dos seres vivos. Não poderia mais contar com uma nova metamorfose que o livrasse daquele rabo. Ficaria com ele até seu último suspiro.

Pobre primo Ratão!

1 Na mitologia grega, Aracne era uma jovem com extraordinária habilidade na arte de bordar.TXT_CORRIDO>

13

Assim foi celebrado o casamento do príncipe Rataniel e da princesa Ratine, com extrema magnificência, digna do belo rapaz e da bela jovem, tão feitos um para o outro!

Ao sair da capela, o cortejo voltou ao salão na mesma ordem, sempre como convinha – com a correção no andar e a atitude nobre típicas das altas classes, alguns gostariam de dizer.

Se outros argumentassem que todos aqueles senhores não passavam de emergentes, que em virtude das leis da metem-psicose tinham vivido fases muito simples, que tinham sido moluscos sem espírito, peixes sem inteligência, aves sem cérebro, quadrúpedes sem razão, eu responderia que nem por isso deixavam de ser respeitáveis. Bons modos podem ser aprendidos, aliás, como história ou geografia. No entanto, tendo em vista o que podem ter sido no passado, os homens deveriam ser mais modestos. A humanidade sairia ganhando.

Depois da cerimônia de casamento, houve uma refeição esplêndida no grande salão de recepções do palácio. Dizer que todos comeram ambrosia preparada pelos melhores cozinheiros da época e que beberam o néctar das melhores adegas do Olimpo não seria suficiente para descrever o banquete.

A festa chegou ao fim com um baile, em que lindas e graciosas dançarinas com roupas orientais maravilharam os veneráveis convidados.

O príncipe Rataniel, como convinha, abriu o baile com a princesa Ratine, dançando uma quadrilha em que a duquesa Ratânia foi acompanhada por um senhor de sangue real. Don Ratorello participou na companhia de uma embaixadora e Ratolina foi conduzida pelo próprio sobrinho de um conde.

O primo Ratão hesitou muito tempo em se expor. Embora lhe fosse penoso manter-se afastado, ele não ousava convidar para dançar as mulheres bonitas a quem teria gostado muito de oferecer seu braço. Por fim, decidiu-se por uma delicada condessa, de notável distinção. Ela aceitou o convite, talvez um pouco distraidamente, e o casal saiu rodopiando ao som de uma valsa de Gungl.

Ah, que música! Em pouco tempo a pista de dança ficou lotada! O primo Ratão tentava segurar o rabo de burro com o braço, como as mulheres faziam com o vestido. Mas o rabo, levado pelo movimento centrífugo, escapava-lhe das mãos. E então se abria como um açoite, fustigando os dançarinos, enroscando em suas pernas e provocando quedas comprometedoras, dentre as quais a do próprio marquês Ratão e da delicada condessa.

Ela precisou ser carregada, quase desmaiada, enquanto o primo fugia correndo.

O burlesco episódio encerrou a festa e todos se retiravam enquanto um buquê de fogos de artifício abria seus botões cintilantes na escuridão da noite.

14

O quarto do príncipe Rataniel e da princesa Ratine era um dos mais bonitos do palácio. O príncipe o considerava o porta-joias de seu tesouro mais valioso. Era para lá que os recém-casados seguiam, conduzidos com grande pompa.

Mas antes que o casal adentrasse o quarto, dois personagens haviam entrado ali anteriormente.

Ora, esses dois personagens, vocês já adivinharam, eram o príncipe Kissiacha e o feiticeiro Guardafogo.

Vejamos o que eles disseram:

— Você me fez uma promessa, Guardafogo!

— Sim, meu príncipe, e dessa vez nada poderá me impedir de raptar Ratine para Vossa Alteza.

— E quando ela for a princesa de Kissiacha, creio que não se lamentará!

— Claro que não — respondeu o bajulador Guardafogo.

— Tem certeza de que hoje conseguirá? — retomou o príncipe.

— Sem dúvida! — respondeu Guardafogo, puxando o relógio. — Em três minutos, o período de tempo que me privou de meu poder de feiticeiro se encerrará. Em três minutos, minha varinha se tornará tão poderosa quanto a da fada Genirosa. Se Genirosa conseguiu elevar os membros dessa família Raton até a condição de seres humanos, posso fazê-los descer à condição do mais vulgar dos animais!

— Muito bem, Guardafogo. Mas não quero que Ratine e Rataniel fiquem um único segundo a sós neste quarto.

— Eles não ficarão, se eu tiver recuperado meu poder antes que eles cheguem!

— Quanto tempo ainda falta?

— Dois minutos!

— Eles chegaram — exclamou o príncipe.

— Vou me esconder no armário — disse Guardafogo. — Assim que puder, revelarei minha presença. O senhor, meu príncipe, retire-se. Mas fique

atrás desta grande porta e só a abra depois que eu gritar: “Tome isso, Rataniel!”.

— Combinado. Acima de tudo, não poupe meu rival!

— O senhor ficará satisfeito.

Como vocês podem ver, uma ameaça ainda pairava sobre a honesta família, já tão sofrida, que nem desconfiava que o príncipe e o feiticeiro estavam incrivelmente perto!

O jovem casal acabava de ser conduzido a seu quarto com grande pompa. O duque e a duquesa Raton os acompanhavam, junto com a fada Genirosa, que não queria perder de vista o belo rapaz e a bela jovem, seus protegidos. Eles nada tinham a temer do príncipe Kissiacha ou do feiticeiro Guardafogo, que nunca mais haviam sido avistados na região. No entanto, a fada estava um pouco inquieta, tinha um pressentimento.

Ela sabia que Guardafogo logo recuperaria seus poderes de feiticeiro, e isso a deixava preocupada.

Desnecessário dizer que Ratolina se encontrava ali, oferecendo seus préstimos à jovem patroa, e Don Ratorello, que não saía mais do lado da esposa, e também o primo Ratão, ainda que, naquele momento, a visão da prima amada lhe partisse o coração.

A fada Genirosa, enquanto isso, sempre ansiosa, tinha uma única urgência: ver se Guardafogo não estava escondido em algum lugar, atrás de uma cortina, embaixo de um móvel. Ela passou os olhos apressados por tudo e não encontrou ninguém.

Agora que o príncipe Rataniel e a princesa Ratine podiam ficar no quarto, onde estariam de fato sozinhos, ela recuperou a confiança.

De repente, a porta do armário se abriu bruscamente, no exato momento em que a fada desejava ao jovem casal:

— Sejam felizes!

— Ainda não! — gritou uma voz terrível.

Guardafogo acabava de aparecer, a varinha mágica tremendo na mão. Infelizmente, Genirosa não podia fazer mais nada por aquela adorável família!

Todos ficaram embasbacados. Estavam como que imobilizados. Depois, recuaram em grupo, aproximando-se da fada, única que poderia enfrentar o temível Guardafogo.

— Boa fada — disseram —, não nos abandone! Boa fada, nos proteja!

— Genirosa — interrompeu Guardafogo —, você esgotou seu poder de salvá-los e eu recuperei o meu completamente, agora posso acabar com eles!

Sua varinha não é capaz de mais nada, enquanto a minha...

Dizendo isso, Guardafogo rodopiou a varinha, que assobiou no ar como se fosse dotada de uma existência sobrenatural.

Ratônio e os seus perceberam que a fada estava desarmada, pois não podia garantir-lhes uma metamorfose superior.

— Fada Genirosa — exclamou Guardafogo —, você os transformou em humanos! Pois eu vou transformá-los em animais!

— Piedade! Piedade! — murmurou Ratine, estendendo as mãos para o feiticeiro.

— Nada de piedade! — respondeu Guardafogo. — O primeiro de vocês a tocar minha varinha será transformado em macaco!

Dizendo isso, Guardafogo caminhou na direção ao pobre grupo, que começou a se dispersar ante sua aproximação.

Se vocês tivessem visto todos correndo pelo quarto, de onde não podiam sair, porque as portas estavam fechadas! Rataniel puxava Ratine, tentando protegê-la com o corpo, sem se preocupar com o perigo que o ameaçava.



Sim! Perigo eminente, pois o feiticeiro acabara de gritar:
— Quanto a você, belo rapaz, em breve Ratine o verá com outros
olhos!

Ao ouvir as palavras do feiticeiro, Ratine caiu desmaiada nos braços da mãe e Rataniel fugiu na direção da grande porta, enquanto Guardafogo se precipitava na sua direção:

— Tome isso, Rataniel! — ele gritou.

E pulou para frente dando uma estocada com a varinha, como se segurasse uma espada.

No mesmo instante, a grande porta se abriu, o príncipe apareceu e recebeu a estocada destinada ao jovem Rataniel.

O príncipe Kissiacha, tocado pela varinha, transformou-se num horrível chimpanzé!

A fúria que o invadiu foi prodigiosa! Logo ele, tão vaidoso, tão cheio de empáfia e arrogância, transformado em macaco, com um rosto enrugado, orelhas enormes, focinho proeminente, braços até os joelhos, nariz amassado, pele amarelada e pelos amarrotados!

Havia um espelho numa das paredes do quarto. Ele se olhou... e soltou um grito terrível! Atirou-se em cima de Guardafogo, estupefato com tanta incompetência! Pegou-o pelo pescoço com seu vigoroso braço de chimpanzé.

Então o chão se abriu, conforme dita a tradição em histórias de magia, um vapor surgiu, e o malvado Guardafogo desapareceu no meio de um turbilhão de chamas.

O príncipe Kissiacha abriu uma janela, pulou para fora e juntou-se a seus semelhantes na floresta vizinha.

16

Não será uma surpresa para ninguém se eu disser que tudo acabou numa apoteose, em meio a um cenário maravilhoso, para total prazer dos sentidos. Os olhos contemplavam uma das mais belas paisagens do mundo, sob um céu de bronze. Os ouvidos se enchiam de harmonias divinas. As narinas aspiravam perfumes inebriantes, liberados por milhares de flores. Os lábios tocavam uma atmosfera carregada dos sabores das frutas mais deliciosas.

Toda a feliz família Raton estava em êxtase, a ponto de Ratônio, o próprio pai Ratônio, não sentir mais seu reumatismo. Ele se sentiu curado e jogou a muleta bem longe!

— Ora! — exclamou a duquesa Ratânia. — E o reumatismo, meu querido?



— Parece que me livrei dessa praga — disse Ratônio.

— Pai! — exclamou a princesa Ratine.

— Ah, senhor Ratônio! — repetiram Ratorello e Ratolina.

A fada Genirosa se adiantou na mesma hora, dizendo:

— De fato, Ratônio, se quiser tornar-se homem, posso transformá-lo.

Só depende do senhor.

— Homem, dona fada?

— Sim! — respondeu a senhora Ratânia. — Em homem e duque, assim como eu, que sou mulher e duquesa!

— Ora essa, claro que não! — respondeu nosso filósofo Ratônio. — Rato sou e rato permanecerei. Melhor assim, a meu ver. E como dizia o

poeta: cão, cavalo, boi e asno, qualquer coisa é melhor do que o homem, me desculpem!

E assim nossa história chega ao fim, queridos leitores.

A família Raton não teve mais nada a temer, nem de Guardafogo, que foi mandado para o Quinto dos Infernos pelo príncipe Kissiacha, nem do próprio príncipe.

Isso fez com que todos ficassem muito alegres e pudessem vivenciar aquilo que costumamos chamar de felicidade sem igual.

A fada Genirosa, aliás, que sentia por eles uma verdadeira afeição, não os pouparia de suas benesses.

Até o primo Ratão, que era o único que poderia se queixar, pois não chegara a uma metamorfose completa, parecia menos desesperado. Afinal, era inútil tentar esconder o rabo de burro, ele sempre aparecia!

Quanto ao simpático Ratônio, ele continuou sendo um rato por toda a vida, a despeito da duquesa Ratânia, que não o perdoou pela inconveniente recusa de elevar-se à categoria dos humanos. E quando a amarga senhora o enchia de recriminações, ele se contentava em repetir um antigo dito popular:

— A palavra é de prata, mas o silêncio é de ouro!

Já o príncipe Rataniel e a princesa Ratine tiveram muitos filhos e... viveram felizes para sempre.

Isso mesmo, queridos leitores, assim termina nossa história, afinal, é dessa forma que devem terminar todos os contos de fadas.

* *

*

sobre um homem e ratos

Os países de língua portuguesa costumam chamá-lo de Júlio. Mas a gente preferiu manter o nome que seus pais escolheram para ele: Jules.

Nascido em 8 de fevereiro de 1828 na pequena cidade portuária de Nantes, na França, Jules Verne cresceu brincando às margens do Rio Loire. Ali, junto com seu irmão Paul, ele ouvia histórias fantásticas contadas por velhos marinheiros — relatos de viagens que alimentavam sua vontade de conhecer o mundo. Tanto que, aos onze anos, decidido a virar marujo, Jules fugiu de casa e embarcou em um navio. Não conseguiu ir muito longe, já que seu pai, um famoso advogado, o deteve na primeira escala. Você pode imaginar que Jules levou um castigo daqueles.

Como não conseguiu conhecer o mundo com os próprios olhos, o garoto passou a viajar pelas páginas dos livros de Geografia, desenhando esboços e mapas em seus cadernos. Mas mesmo apaixonado por ciência e interessado pelas máquinas que surgiam com a Revolução Industrial, Jules aceitou a vontade do pai e foi estudar Direito em Paris.

Centro de conflitos sociais e políticos da época, a capital francesa rapidamente seduziu o jovem com sua cultura, sua boemia e seus escritores célebres. Ao conhecer Alexandre Dumas — e se hospedar em seu castelo em Saint-Germain —, ele ficou impressionado com a forma como o autor de *Os três mosqueteiros* misturava ficção a fatos históricos e, a partir daí, começou a traçar seus próprios planos literários, imaginando que poderia fazer com a Geografia o mesmo que Dumas fizera com a História. As primeiras criações literárias de Jules Verne foram uma peça teatral chamada *Contratos anulados* e um pequeno conto sobre viagens marítimas. Mas estes escritos não alcançaram nenhum sucesso e, em 1852, ele foi trabalhar como secretário no Teatro Lírico de Paris, onde ficaria até 1857, ano em que se casou com a viúva Honorine-Anne de Vianne. Vale dizer que a senhora

Honorine lembrava um pouco a senhora Ratânia, já que gostava de morar bem, vestir-se com elegância e frequentar grandes recepções. Em 1861, nasceria o único filho do casal: Michel.

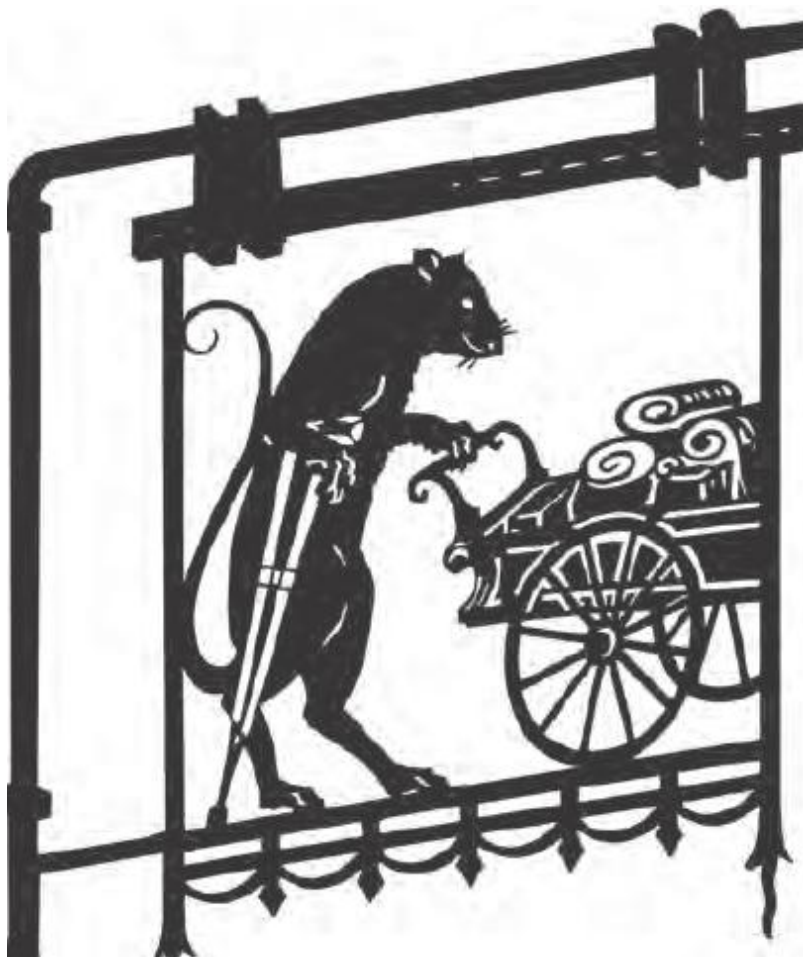
Depois de casado, Jules foi trabalhar como corretor na Bolsa de Paris e ficou amigo de Félix Nadar, célebre fotógrafo, aventureiro e entusiasta dos balões. Foi Nadar que, em 1863, apresentou Jules Verne a seu xará Jules Hetzel (nascido Pierre-Jules Hetzel), que a partir de então seria seu editor oficial e responsável por publicar sucessos que conquistariam milhões de fãs, como *Cinco semanas num balão*, *Vinte mil léguas submarinas*, *Viagem ao centro da Terra* e *A volta ao mundo em 80 dias*.

Quem conhece os romances de ficção científica de Verne sabe que suas histórias costumam levar os leitores para aventuras em pólos gelados, desertos africanos, aldeias asiáticas e também à superfície da lua e ao núcleo do planeta. E que suas páginas apresentaram máquinas mirabolantes antes mesmo de elas terem sido inventadas. O submarino, o satélite e a internet, por exemplo, apareceram pela primeira vez em seus livros. Aliás, ele tinha uma imaginação tão prodigiosa que alguns contemporâneos achavam que Jules Verne também se tratava de uma invenção e que seus livros eram escritos por uma equipe. Mas isso acontecia porque o escritor nem sempre fazia questão de aparecer em público. E se ele já era recluso ao natural, em 1886 foi forçado a ficar ainda mais afastado de tudo e de todos.

Em 9 de março de 1886, Verne levou dois tiros, aparentemente sem motivo — um no ombro e outro no tornozelo —, desferidos por seu perturbado sobrinho Gaston (fato que o faria ficar de cama por meses e usar bengala até o fim da vida). No mesmo mês, seu amigo, conselheiro e editor Jules Hetzel faleceu. Para completar, ele passou por dificuldades financeiras e precisou vender seu adorado iate Saint-Michel III. Mas 1886 teve algo de bom (pelo menos pra gente): foi nesse ano que Jules Verne escreveu *As aventuras da família Raton*.

Para criar este conto de fadas com direito a fada boa, bruxo malvado e muita sátira social, Verne parece ter buscado inspiração nas memórias que tinha de Nantes, sua cidade natal. Perto da casa em que ele morava com a família, havia uma loja de tecidos chamada *Au Rat goutteux* — algo como “Ao rato com gota”. Sendo que gota, neste caso, é a dolorosa doença reumática. Na frente do estabelecimento, logo acima da entrada do prédio, uma placa de ferro fundido exibia um rato usando uma muleta. Tudo leva a crer que Verne se lembrou desse rato na hora de escrever seu conto de fadas.

E que provavelmente o senhor Ratônio, que na história sofre de gota e usa muleta, representa o próprio autor: melancólico, filosófico, com dificuldades para caminhar e que prefere viver como rato do que como homem.



Jules Verne parece ter ficado satisfeito com o conto que escreveu, pois quando melhorou da perna e foi pressionado por Henzel Jr. (que substituiu o pai) a sair em turnê pela Bélgica e Holanda, em novembro de 1887, foi *As aventuras da família Raton* que ele leu em suas conferências. O público ficou surpreso, já que, no lugar de um texto de ficção científica, Verne apresentou um conto de fadas. E não um conto de fadas como os outros, mas um que misturava romance com fábula de animais; que brincava com a teoria de Darwin; que não se levava a sério e que ainda por cima oferecia diferentes interpretações. Um conto de fadas que funcionava como um balanço da vida do autor, de sua evolução como ser humano e da chegada da sua velhice.

Apesar de escrita em 1886 e bastante divulgada por seu autor, a história das transformações da família Raton ainda levaria cinco anos para ser publicada, não em livro, mas no *Le Figaro illustré*, que na época era um jornal satírico (que tira sarro das coisas, sabe?). Em janeiro de 1891, os franceses puderam ler *Aventures de la famille Raton*, que trazia ilustrações de George Roux — este original em francês pode ser visto e lido no site da Editora Piu.

Infelizmente, Jules Verne morreria sem ver seu conto de fadas virar uma obra literária, pois faleceu em 1905 e *As aventuras da família Raton* só viraria livro em 1910 na França. Mais de cem anos depois dessa primeira publicação, o livro finalmente chega ao Brasil, pela primeira vez traduzido para o português.

Nosso desejo agora é que a história da família Raton possa ser o primeiro contato de muitas crianças com um dos escritores mais imaginativos, mais influentes e mais lidos do mundo.

Editora Piu
Inverno de 2021

TÍTULO ORIGINAL *Aventures de la famille Raton*
TEXTOS Jules Verne

Copyright das ilustrações © 2021 por Catarina Bessell
TRADUÇÃO Julia da Rosa Simões
CAPA E PROJETO GRÁFICO Tereza Bettinardi
REVISÃO DE TEXTO Jó Saldanha
COORDENAÇÃO EDITORIAL E TEXTO DO POSFÁCIO Paula Taitelbaum

Esse livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Copyright da edição © 2021 por Editora Piu
Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou quaisquer meios (físicos ou digitais), sem a permissão da Editora Piu. Mas é claro que se você compartilhar pequenos trechos ou divulgar a capa nas suas redes sociais a gente não vai se importar. Ao contrário, vamos ficar bem contentes.

Dados Internacionais e Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verne, Jules, 1928-1905
As aventuras da família Raton / Jules Verne; tradução Julia da Rosa Simões; ilustrações Catarina Bessel. — Porto Alegre: Editora Piu, 2021.

ISBN Epub 978-65-89241-10-2
ISBN Mobi 978-65-89241-08-9

1. Contos – Literatura infantojuvenil. I. Bessel, Catarina. II. Título

19-29808 CDD – 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Contos: Literatura juvenil 028.5

Bibliotecária responsável: Cibeles Maria Dias CRB-8/9427



**AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL**

*Liberté
Égalité
Fraternité*

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication année 2021 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de

l'Europe et des Affaires étrangères.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2021 Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores.

Editora Piu

www.editorapiu.com.br

facebook.com/editorapiu

instagram.com/editorapiu

Table of Contents

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Sobre um homem e ratos](#)

[Créditos](#)